

NESTE NUMERO

ACADEMIA PROMOVE CICLO DE CONFERENCIAS	1
OS VENCEDORES DO PREMIO INDEPENDENCIA"	2
A BIBLIOTECA PUBLICA EM AGOSTO E SETEMBRO	3
DIRETORIO ACADEMICO "VIII DE SETEMBRO" COM NOVA DIREÇÃO	3
INSTITUTO HISTORICO PRESTA HOMENAGEM	3
DOIS LIVROS	3
OS MUSEUS DA III MOSTRA MUSEOLOGICA	4
MELHORES INSTALAÇÕES PARA O ARQUIVO PUBLICO	5
JOINVILLE INAUGUROU MUSEU DO SAMBAQUI	5
JOSE HONORIO RODRIGUES EM FLORIANOPOLIS	5
"PREMIO JABUTI" PARA SANTA CATARINA	6
CRUZ E SOUZA	7
CARLOS DA COSTA PEREIRA.....	11

Iturais - notícias culturais - notícias

editado pelo departamento de cultura da secretaria do governo do estado de santa catarina

ACADEMIA PROMOVE CICLO DE CONFERENCIAS

Com uma conferência do prof. Norberto Ungaretti sobre "JERONIMO COELHO - o fundador da imprensa catarinense", foi iniciado a 17 de outubro passado o ciclo de conferências promovido pela Academia Catarinense de Letras, em que serão abordados vários aspectos histórico-culturais do Estado.

A programação da ACL inclui mais os seguintes temas: dia 9 de novembro - "A Estética de OS SERTÕES", pelo acadêmico Nereu Correa; dia 16 - "Diniz Junior na paisagem cultural de Santa Catarina", pelo acadêmico Theobaldo Costa Jamundá; dia 23 - "A Marinha do Brasil nas Guerras da Independência", pelo Comandante Paulo Fernando Justo, da Escola de Aprendizes Marinheiros; dia 30 - "As Artes Plásticas em Santa Catarina", pelo prof. Carlos Humberto Correa e dia 7 de dezembro - "Os Príncipes de Joinville", pelo acadêmico Carlos Gomes de Oliveira.

As conferências serão realizadas as 20 horas no auditório do prédio da Reitoria da UFSC, à rua Bocaiuva, 60.

Abertura

Dedicado ao estudo da figura de Jeronimo Francisco Coelho e sua época o prof. Norberto Ungaretti, abriu a promoção da Academia Catarinense de Letras apresentando o resultado da pesquisa que vem realizando sobre a vida do lagunense fundador da nossa imprensa. Apresentando uma série de documentos inéditos na historiografia catarinense o conferencista reconstituiu dois momentos importantes na vida Política da Província: o de 1831 com o aparecimento da imprensa, da Sociedade Patriótica Catarinense e da Maçonaria e o de 1845 com o surgimento dos grupos antagônicos dos "cristãos" e dos "judeus" germes das primeiras agremiações político partidárias na Província. Em ambos os movimentos o conselheiro Jeronimo Coelho exerceu liderança importante.

OS VENCEDORES DO "PREMIO INDEPENDENCIA"

Mais de cem trabalhos, oriundos de sessenta e dois municípios catarinenses concorreram ao "Prêmio Independência", instituído pelo Departamento de Cultura em colaboração com a Comissão Executiva Estadual para as comemorações do Sesquicentenário.

O primeiro lugar na Categoria Especial coube ao membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina Aujor Avila da Luz, pelo seu trabalho "Santa Catarina na Independência do Brasil". Autor de vários trabalhos sobre nosso Estado, entre os quais destaca-se "OS FANATICOS", em que aborda o movimento do Contestado, Aujor Luz concorreu ao concurso estadual com um estudo de mais de 50 páginas, onde à base de pesquisa reconstituiu os últimos anos da Capitania e os primeiros da Província de Santa Catarina. Apresentando documentação inédita, também, colocou em destaque os antecedentes do episódio da Independência e os reflexos da emancipação nacional aqui em Santa Catarina.

Outros Premios

Na área estudantil o "Prêmio Independência" foi dividido nas categorias Universitário e Secundário. Na primeira foi classificado o trabalho de autoria do aluno Valdir Anselmo Petry, do 3º ano de Letras da Fundação Universitária de Blumenau.

No nível secundário, concorrendo com trabalhos sobre o tema "O Sentido das Comemorações do Sesquicentenário", foram premiados os seguintes estudantes: 1º lugar - Edy Therezinha Pereira da Silva, aluna do 1º Colegial do Colégio São José, de Itajaí; 2º lugar, Marise Chegatti, da 1ª série ginásial do Colégio Sagrada Família, de Blumenau e 3º lugar - José Carlos de Souza, aluno do 2º técnico de Mineração, da Escola Técnica "General Pinto da Veiga", de Criciúma.

Comissão

A Comissão Julgadora do "Prêmio Independência", designada por Portaria do Secretário do Governo, Orlando Bertoli, foi presidida pelo prof. Carlos Humberto Correa, Diretor do Departamento de

Cultura e integrada pelos professores Jali Meirinho e Rosaly B. Machado, da Divisão de Ciências do Departamento de Cultura.

A BIBLIOTECA PUBLICA EM AGOSTO E SETEMBRO

Nos meses de agosto e setembro a Biblioteca Pública do Estado recebeu uma frequência de 7.188 pessoas. Neste período foram consultadas 5.441 obras e emprestados 1.422 volumes. No movimento geral o maior número de consultas refere-se a obras sobre História, num total de 595 volumes, seguindo-se assuntos do Estado de Santa Catarina: 583 volumes e literatura: 376 volumes.

DIRETORIO ACADEMICO "VIII DE SETEMBRO" COM

NOVA DIREÇÃO

Foi empossada a nova diretoria do Diretório Acadêmico "VIII de Setembro", do Centro de Educação da UFSC e que está assim constituído: Presidente - Ary Osmar de Oliveira; Vice-presidente - Vera Lucia Bazzo; Secretários - Cesar Valente e Vilson Farias; Tesoureiros - Ricardo Nunes e Ana Maria Ribeiro e, Presidente da Atlética - Jodete H. Kuntze.

INSTITUTO HISTORICO PRESTA HOMENAGEM

O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, reunido em sessão especial no dia 5 de outubro, prestou homenagem a um dos seus membros mais antigos, Desembargador João da Silva Medeiros Filho, pelos serviços prestados à entidade.

A saudação ao homenageado coube ao jornalista Gustavo Neves.

DOIS LIVROS

ASPECTOS JURIDICOS E INSTITUCIONAIS DO PLANEJAMENTO MICRO-REGIONAL - de autoria de Osvaldo Ferreira de Melo, este volume analisa o problema com profundidade sociológica e jurídica e enquadra o Município Brasileiro dentro da problemática. Editado pelo Minis-

tério do Interior, através da SUDESUL, o livro tem 100 páginas, divididas em 5 capítulos.

ESTUDO DE PROBLEMAS BRASILEIROS - de Jaldyr B. Faustino da Silva e Ayrton Capela é um livro destinado aos alunos da cadeira de Estudos Brasileiros, da qual os Autores são titulares na Universidade Federal de Santa Catarina.

O volume de 180 páginas, foi impresso na UFSC, e tem o prefácio do prof. Helio Romito de Almeida.

OS MUSEUS DA III MOSTRA MUSEOLOGICA

Museus oficiais, particulares e colecionadores participaram da III Mostra Museológica Brasileira. A promoção, do Museu de Antropologia da UFSC, realizada nesta Capital, de 21 a 27 de outubro, também constou de palestras sobre museologia e apresentação do grupo folclórico da Ilha de Santa Catarina.

Presentes

A III Mostra Museológica Brasileira, com exposição no salão da Reitoria da UFSC contou com a participação das seguintes instituições: de Santa Catarina - MUSEU DE ARMAS DA POLICIA MILITAR; MUSEU DO HOMEM DE SAMBAQUI; MUSEU "THIAGO DE CASTRO", de Lages; MUSEU AÇORIANO DE RIBEIRÃO DA ILHA; MUSEU DA IMIGRAÇÃO "CONDE D'EU" de Orleães; MUSEU ARQUIDIOCESANO "D. JOAQUIM", de Brusque; MUSEU NACIONAL DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO, de Joinville; coleção particular de Tom Wildi (cerâmica Marajoara); rendas da Associação das Rendeiras da Ilha de Santa Catarina; coleção de selos de J. Caetano; coleção de selos sobre Anita Garibaldi, de Wolfgan L. Rau; Guanabara - MUSEU DO BANCO DO BRASIL; São Paulo - MUSEU DE ANTHROPOLOGIA E ETNOLOGIA DA USP ; MUSEU OCEANOGRÁFICO, da Marinha de Guerra; Paraná - Departamento de Antropologia da UFP; Minas Gerais - MUSEU RODOVIÁRIO, do DNER.

MELHORES INSTALAÇÕES PARA O ARQUIVO PUBLICO

Em declarações que prestou à imprensa o Secretário Paulo Blasi, da Administração, anunciou melhores instalações para o Arquivo Público do Estado. Segundo o titular da pasta da Administração o diretor do Arquivo, Cel. Santos Verani, vem de participar do I Congresso Brasileiro de Arquivologia, realizado no Rio e as primeiras providências para que o órgão atinja as condições pretendidas já foram tomadas.

Segundo o Secretário Paulo Blasi, o Arquivo Público do Estado deverá ficar localizado no andar térreo do Edifício das Diretorias.

Repositório de toda a documentação administrativa e jurídica, do Governo do Estado, o Arquivo é uma das mais importantes fontes para a pesquisa sobre a História de Santa Catarina.

JOINVILLE INAUGUROU MUSEU DO SAMBAQUI

Foi inaugurado no dia 14 de outubro o Museu do Sambaqui, de Joinville. Instituição ligada ao Departamento de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal, o Museu do Sambaqui, recém inaugurado teve a sua instalação orientada pelo prof. Alfredo Teodoro Russins, museólogo do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional.

JOSE HONORIO RODRIGUES EM FLORIANOPOLIS

Ministrando Curso Intensivo de Metodologia da Pesquisa Histórica, promovido pelo Departamento de História da UFSC, esteve nesta Capital, no período de 15 a 30 do corrente o prof. José Honório Rodrigues. Membro da Academia Brasileira de Letras, professor da Universidade Federal da Guanabara, detentor de títulos, na sua especialidade, obtidos nas maiores Universidades da Europa e Estados Unidos, o prof. Honório Rodrigues é autor de vastíssima obra sobre História do Brasil e métodos de pesquisa histórica.

Em nosso Estado, o prof. José Honório Rodrigues, recolheu farta bibliografia sobre Santa Catarina, como subsídio para suas obras sobre História do Brasil. Também visitou as cidades de Tubarão, Laguna e Joinville.

"PRÊMIO JABUTI" PARA SANTA CATARINA

A partir do dia 25 de outubro do ano corrente as letras catarinenses têm o seu primeiro laureado com o "Prêmio Jabuti". Chegou para elas pelo livro de contos de Holdemar Oliveira de Menezes, "A Coleira de Peggy", editado pela Editora Movimento. A solenidade da entrega da láurea aconteceu na sede da Câmara Brasileira do Livro (a que distribui o prêmio) em São Paulo. O Secretário do Governo dr. Orlando Bertoli, fez-se representar pelo diretor da Divisão de Letras do Departamento de Cultura o prof. Theobaldo Costa Jamundá, que igualmente, representou o professor Carlos Humberto Correa, diretor do mesmo Departamento e ainda a Academia Catarinense de Letras.

O "Prêmio Jabuti" é distribuído, anualmente, mediante seleção realizada por comissão especial dos livros publicados em determinado período de 12 meses. Entre os laureados deste ano estão Candido Mota Filho, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Luiz Martins e outros. O ano de 1972 é o 14º da distribuição do "Prêmio Jabuti", que em cada um deles laureou poesia, contos, ensaio literário, biografia, memória, literatura infantil ou juvenil, ciências e a Revelação do Autor.

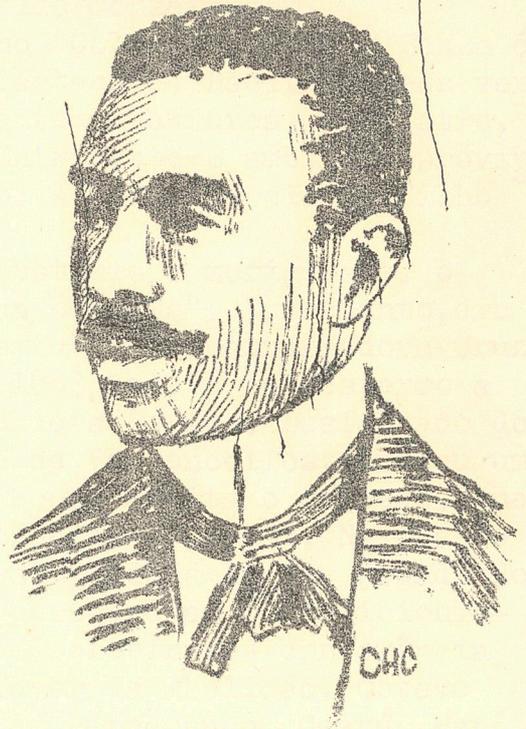
"PRÊMIO JABUTI" PARA SANTA CATARINA

A partir do dia 25 de outubro do ano corrente as letras catarinenses têm o seu primeiro laureado com o "Prêmio Jabuti". Chegou para elas pelo livro de contos de Holdenar Oliveira de Menezes, "A Coleira de Peggy", editado pela Editora Movimento. A solenidade da entrega da láurea aconteceu na sede da Câmara Brasileira do Livro (a que distribui o prêmio) em São Paulo. O Secretário do Governo dr. Orlando Bertoli, fez-se representar pelo diretor da Divisão de Letras do Departamento de Cultura o prof. Theobaldo Costa Jamundá, que igualmente, representou o professor Carlos Humberto Correa, diretor do mesmo Departamento e ainda a Academia Catarinense de Letras.

O "Prêmio Jabuti" é distribuído, anualmente, mediante seleção realizada por comissão especial dos livros publicados em determinado período de 12 meses. Entre os laureados deste ano estão Candido Mota Filho, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Luiz Martins e outros. O ano de 1972 é o 14º da distribuição do "Prêmio Jabuti", que em cada um deles laureou poesia, contos, ensaio literário, biografia, memória, literatura infantil ou juvenil, ciências e a Revelação do Autor.

43

CRUZ e SOUZA



"O ponto culminante da lírica brasileira em quatrocentos anos de existência", segundo o contundente sergipano Silvio Romero e, com ele, fazendo coro as mais destacadas figuras da crítica literária: "a maior expressão do Simbolismo no Brasil", o poeta Cruz e Souza, nasceu e estudou em Santa Catarina. Filho do casal de escravos Guilherme da Cruz (um mestre pedreiro) e Carolina Eva da Conceição, João da Cruz e Souza veio à luz na Capital da Província aos 24 de novembro de 1861. Seus pais tinham como dono o Coronel Guilherme Xavier de Souza a cujos bens o menino foi incorporado, mas por pouco tempo. Tendo em 1865 o futuro Marechal Guilherme juntado-se às tropas que foram lutar contra o Paraguai, alforriou todos os seus escravos. Apesar da liberdade os ex-escravos permaneceram com a esposa do militar, pois ali recebiam tratamento humano e decente.

Nascendo em um lar de casal sem filhos, o menino João mereceu os desvelos da senhora Clarinda Fagundes Xavier de Souza. A 24 de março de 1862 foi batizado pelo Arcipreste Paiva, na matriz de Nossa Senhora do Desterro. Foi padrinho Manoel Moreira da Silva Junior.

Crescendo sob os cuidados de D. Clarinda, com ela aprendeu as primeiras letras, foi encaminhado, aos 8 anos, para a escola da professora Camila e em 1873 ao Ateneu Provincial, o mesmo estabelecimento onde lecionava o sábio Fritz Müller.

Terminado o curso de Humanidades, em 1877, Cruz e Souza foi indicado professor do Ateneu. Não persistiu na carreira. Começou a sentir o peso da cor da pele na reação da sociedade local. Do magistério passou para o balcão. Empregou-se como caixeiro numa casa comercial da cidade de Desterro, mas também por pouco tempo.

No Ateneu aproximara-se de Virgílio Varzea e Oscar Rosas e agora fazia amizade com Juvêncio Araujo de Figueiredo e Santos Lostada. Esse grupo movimentou o jornalismo e o meio literário da Província. Desde 1879 que o nome destes jovens aparecia nos jornais locais, assinando prosa e verso. As poesias de Cruz e Souza, neste ano, estão em "O Artista". Depois na "Regeneração", órgão do Partido Liberal e

no "Jornal do Comércio", ligado ao Partido Conservador.

Em 1881 o grupo lança o jornalzinho "Colombo". Cruz e Souza é o redator principal. O jovem poeta se destacava. Recitava seus versos e os de outros poetas, inclusive Dante e Petrarca, no teatro, nas festas populares e nas serenatas. Entretanto o ambiente provinciano reagia aos sucessos do moço preto. A inteligência do filho de ex-escravos provocava inveja.

Araujo de Figueiredo registrou: "Abstêmio e morigerado, o Cruz tinha a recomendá-lo o rigor da sua conduta". Entretanto, era difícil superar o preconceito. Para a situação constrangedora Cruz e Souza encontrou uma saída, quando em 1883 esteve no Desterro a Companhia teatral da menina prodígio Julieta Santos. Desfalcado do "ponto" o diretor da companhia, Moreira de Vasconcellos, buscou um substituto. Culto e bem falante Cruz e Souza aceita o emprego, que lhe permite afastar-se de Desterro e conhecer o Brasil. No teatro atua como "ponto" e como declamador. Assim, viaja do Rio grande do Sul para São Paulo. Do palco aproveita para pregar o abolicionismo. Em 1885, na Bahia, é convidado para proferir uma conferência no auditório do "Jornal da Tarde", em favor da Abolição. Obteve grande sucesso. Percorre as Províncias de Pernambuco, Ceará, Pará e Maranhão. Em São Luiz, Cruz e Souza, entrou em contato com o grupo literário local. Ali, sob a influência do ambiente intelectual, resolve fazer imprimir uma coleção de sonetos no livro que se intitularia CAMBIANTES. A obra não chegou a ser concluída e o Poeta deixou a capital maranhense com, algumas folhas impressas do que seria o seu primeiro livro.

Após a excursão pelo Norte a companhia dramática é dissolvida. Em abril de 1885 Cruz e Souza volta para Santa Catarina e assume o cargo de redator do semanário recém fundado "O Moleque", um jornalzinho irreverente e agressivo. Em julho dá-se sua estréia em livro, não em poesia mas em prosa. Com Virgílio Varzea lança TROPÓS E FANTASIAS onde cada um assina seis trabalhos, alguns de cunho abolicionista.

Apesar de redator chefe de "O Moleque", Cruz e Souza continua sofrendo as pressões do preconceito. Jamais é convidado para solenidades e festas onde a imprensa comparece. Repellido pelo meio fecha o jornal e procura emprego no Rio Grande do Sul, onde nada consegue. Em 1887 volta à Ilha e um mês após a Abolição decide ir para a Corte.

No Rio de Janeiro recebe o amparo de Oscar Rosas, faz amizade com José do Patrocínio, Luiz Delfino e Gama Rosa, este havia sido presidente da Província de Santa Catarina. Entretanto, não obtem vaga em nenhum jornal. Após oito meses de miséria volta a cidade de Desterro dedicando-se, quase que exclusivamente, aos livros. A esse tempo adere ao Simbolismo, escola literária que começa a ser reconhecida no Brasil. Produz versos intensamente aprimorando o seu talento.

Os amigos dos tempos do Ateneu e do "Colombo", agora estão quase todos no Rio. Os últimos a deixarem a Província são Virgílio Varzea e Araujo de Figueiredo. Através do seu parceiro de "Tropos e Fantasias" Cruz e Souza consegue lugar de redator na "Cidade do Rio". Com a proposta de um minguado ordenado de cinquenta mil reis mensais o Poeta mais uma vez deixa a cidade natal. Desta feita para sempre. Em janeiro de 1891 desembarca na Capital da República. Fica alguns meses no jornal de José do Patrocínio, de onde é despedido passando a dividir a miséria em um quarto de pensão com o seu conterrâneo Araujo de Figueiredo.

Com Oscar Rosas na redação do "Novidades", pode ver publicados alguns trabalhos neste jornal e na "Revista Ilustrada". Ainda em 1891 trabalha para a "Folha Popular" e na "Gazeta de Notícias".

O Poeta começa a viver um período de ascensão na sua sofrida existência. Em torno dele reuniam-se outros jovens que iriam deixar nome. Emiliano Pernetá, Oscar Rosas, Bernardino Lopes, Gonzaga Duque, Virgílio Varzea, formavam o que se chamou o "Grupo dos novos". Como em todos os tempos também no final do século os "modernos" abriram guerra aos "velhos". Através da "Revista Ilustrada" não poupam nem mesmo Machado de Assis e outros nomes de projeção como Carlos de Laet e Coelho Neto e mais todos aqueles que estiveram sem engajados na "velha guarda".

A reação, entretanto, vem à altura. Em março de 1893 Cruz e Souza tem editado o seu livro MISSAL, um volume de prosa que não impressiona a crítica dominante contrária aos "novos". Em agosto, aparece BROQUÉIS. O volume contendo 54 poesias teve melhor sorte. Os jornais registraram esse aparecimento com elogios à obra e ao autor. Assim, 1893 ficou na história literária como o ano da revelação de Cruz e Souza.

Pouco se sabe se o Poeta foi ou não bem sucedido financeiramente com esses lançamentos. Porém é ainda em 1893, a 9 de novembro, que se realiza seu casamento com Gavita Rosa Gonçalves, jovem preta criada em casa do Juiz Antonio Monteiro de Azevedo, um ferrenho abolicionista.

O casamento transtornaria sua vida. A responsabilidade de manter o lar levou-o a trabalhar como praticante da Estrada de Ferro Central do Brasil. Um emprego modesto. Nem mesmo a promoção ao cargo de arquivista, em 1894, com ordenado mensal de 250 mil reis, remediaria a situação. Nasce o primeiro filho e a esposa passa a sofrer crises de loucura. Os dias de miséria estão prestes a voltar. No emprego é humilhado pelos chefes. Nos jornais e nas revistas não encontra mais espaço para as suas produções.

O movimento Simbolista não é reconhecido naquela época de fastígio do parnasianismo, onde despontam Olavo Bilac e Raimundo Correia.

No ano de 1896, é fundada a Academia Brasileira de Letras, o Poeta catarinense, apesar da sua farta produção literária, não é convidado para o sodalício. O seu mais completo biógrafo, até aqui, Raimundo Magalhães Junior, explica este lapso, na obra "Poesia e Vida de Cruz e Souza": "Mais de meio século depois de fundada a Academia Brasileira de Letras, a ausência de Cruz e Souza parece mais do que inexplicável, injustificável e mesmo absurda. Mas é preciso reconhecer que duas razões a explicam, até certo ponto a justificam. Por um lado a guerra literária era cada vez mais acesa e, por outro lado o próprio temperamento de Cruz e Souza. Temperamento de luta, acirrador do dissídio".

O Poeta sofre atribulações no lar e na vida artística.

Em fins de 1897 está tuberculoso. Sem os recursos indispensáveis ao tratamento vai definhando. Os amigos sentem-lhe o drama e tentam obter dinheiro para que possa deixar o Rio e repousar. Listas angariando auxílio correm as redações dos jornais. Ele deseja regressar à terra natal, mas o seu estado de saúde já não permite uma viagem tão longa pelo mar. Junto à direção da Central do Brasil consegue passagem para a estação de Sitio, no Estado de Minas Gerais, onde os hotéis aceitavam doentes em tratamento. Vai em companhia de Gavita, já grávida do seu quarto filho. Era 15 de março de 1898. A 18 morre o Poeta. Seu corpo trasladado para o Rio, foi sepultado a 20, no cemitério de São Francisco Xavier.

Na imprensa os necrológicos tentam apagar as injustiças e incompreensões que sofreu em vida. "A Cidade do Rio", de José do Patrocínio, entre outras coisas disse: "A perda é sensível porque o espírito de Cruz e Souza não tinha nada dessa vulgaridade que outros de menos talento e de mais audácia são arautos. Deixou duas jóias da literatura: MISSAL e BROQUÉIS. Outros tinha o Poeta pronto, não tendo a morte consentido em sua publicação. Um deles chamar-se-ia FARÓIS".

Com efeito, ainda em 1898 apareceu EVOCAÇÕES. Dois anos depois vem ao lume OS FARÓIS, e um pouco mais tarde ULTIMOS SONETOS, completando a sua obra postumamente.

Dos filhos de Cruz e Souza e Gavita, tres acompanharam o pai na doença e morreram crianças. Foram Raul, Guilherme e Reinaldo. O quarto, nascido postumamente e órfão de mãe aos seis anos, chamou-se João da Cruz e Souza Júnior. Foi criado pela avó e morreu aos 17 anos em 1915. João, embora menor ligou-se a Francelina Maria da Conceição, e ao morrer deixou-a grávida. O filho, póstumo como o pai, deixou descendentes, hoje vivendo humildemente em um subúrbio do Rio. A estes descendentes, à partir de 1952, o Governo do Estado de Santa Catarina concedeu uma pensão.

(J.M.)

44

CARLOS da COSTA PEREIRA

Nasceu na cidade de São Francisco do Sul aos 23 de novembro de 1890. Era filho de Cristiano Artur da Costa Pereira e de Maria Augusta Nóbrega da Costa Pereira.

Após frequentar a escola primária do Prof. Joaquim Antonio de S. Thia go, na sua cidade natal, Carlos da Costa Pereira ingressou no serviço público como escrevente do Cartório de São Francisco do Sul. Para desempenhar com correção este cargo, pelo esforço próprio, aprimorou os conhecimentos que lhe permitiram um perfeito estilo literário ao que aliou critério e honestidade na pesquisa histórica.

Ainda, no seu município, foi administrador da Mesa de Rendas Estaduais e 1º Tabelião de Notas. Ali também iniciou-se no jornalismo, fundando e dirigindo, com Deodoro de Carvalho, os semanários "O Alfa" e "A Razão", onde publicou os primeiros trabalhos versando sobre a História local.

Em 1938 o Interventor Federal Nereu Ramos chamou o francisquense Carlos da Costa Pereira para dirigir a Biblioteca Pública do Estado. Embora afastando-se temporariamente para cumprir outras comissões que lhe atribuiu o Governo, exerceu este cargo até 1958, quando requereu aposentadoria. No ano de 1940 foi Delegado Regional do Recenseamento, em Santa Catarina. Ainda na interventoria Nereu Ramos fez parte da comissão catarinense que, no Rio de Janeiro efetivou acordo sobre os limites com o vizinho Estado do Paraná. Quando em 1947 Udo Deeke foi



designado Interventor Federal, Costa Pereira foi chamado para Secretário do Governo.

Dedicando-se a historiografia catarinense, de modo permanente, os títulos de seus estudos e suas obras espalham-se por inúmeros jornais, revistas e outras publicações do Estado e do País. Participante de Congressos, sempre compareceu com teses de importância como: "UM PONTO CONTROVERTIDO DA HISTÓRIA", in Anais do I Congresso de História Catarinense, onde documenta a natalidade franciscana do bispo Sanábria, fundador da Universidade da cidade argentina de Tucuman; "TOPONIMIA ANTIGA DA COSTA DO BRASIL", in Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia; "UM CAPÍTULO DA EXPANSÃO BANDEIRANTE", versando sobre a fundação de São Francisco do Sul. Também escreveu: "O NASCIMENTO DE FREI FERNANDO DE TREJO Y SANÁBRIA", "A REGIÃO DAS ARAUCARIAS"; "ACERCA DA INVASÃO ESPANHOLA", "RAFAEL PIRES PARDINHO - Alguns traços biográficos"; "FRANCESES EM SANTA CATARINA" e "AS VIAGENS DE CRISTÓVÃO JACQUES".

De grande valor, pelas notas que acrescentou, é a sua tradução de parte da obra de Saint Hilaire, sobre a viagem ao Brasil. "VIAGEM A PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA - 1820", foi editado pela Cia. Editora Brasileira, na Coleção Brasileira. A mesma editora publicou, também a tradução de "VIAGEM AO PARANÁ" e, atualmente, detem os originais de Carlos da Costa Pereira relativos a uma História de São Francisco do Sul.

Ao morrer deixou alguns inéditos entre os quais um trabalho sobre a Revolução de 1893 em Santa Catarina, cujos originais estão de posse da repartição Plano Nacional de Educação, no Estado.

Carlos da Costa Pereira foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, sendo Diretor da Revista desta instituição, nos anos de 1943 e 1944. Foi sócio da Sociedade Brasileira de Geografia e correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. Membro da Academia Catarinense de Letras sucedeu Luiz Antonio Gulaberto na Cadeira Nº 4, cujo patrono é Claudio Luiz da Costa.

Depois de aposentado Carlos da Costa Pereira retirou-se para São Francisco do Sul onde faleceu aos 17 de fevereiro de 1967. Era casado com D. Amanda Horstmann da Costa Pereira. Do casal nasceram quatro filhos: Silvia da Costa Pereira Ramos, Christiano Oscar da Costa Pereira; Ruth da Costa Pereira Beck e Carlos da Costa Pereira Filho.

Como homenagem à memória do seu ilustre filho, em São Francisco do Sul foi criada a Escola Básica "Carlos da Costa Pereira".

(J.M.)